

ORDENAMENTO TERRITORIAL EM REDE DO GRUPO ANDRÉ MAGGI

Carlos Alberto Franco da Silva- Universidade Federal Fluminense

francodasilva@terra.com.br

A análise das redes agro-urbanas do Grupo André Maggi se inscreve no processo de conglomeração, i.e., expansão de atividades em diversos lugares e regiões do país. Assim sendo, a rede, enquanto escopo analítico, expressa não só uma divisão territorial do trabalho, mas também a estrutura espacial da corporação.

A criação da Empresa Sementes Maggi, em 1976, para fins de participação do circuito mercantil em torno da soja, em São Miguel do Iguaçú, foi o primeiro passo para a constituição de uma rede agro-urbana no bojo do avanço da fronteira agrícola promovida pelo interesse em expandir a lavoura de grãos.

Ao se lançar no cerrado, num momento em que as finanças da empresa Sementes Maggi não eram satisfatórias, a prática de antecipação e de seletividade espacial se anunciavam. Isso porque naquela época não havia variedades de sementes adaptadas às condições edafoclimáticas do cerrado. Logo, as primeiras experiências com a soja sugeriam baixa produtividade. Por outro lado, o baixo preço da terra, a presença de uma geografia física adequada aos reclamos da Revolução Verde e a promessa de incentivos fiscais do Estado militar indicavam uma seletividade espacial particular para investimentos produtivos em direção à Região Centro-Oeste brasileiro.

Ao se inscrever em áreas previamente de domínio do cerrado, André Maggi iniciou o processo de conglomeração. Diante de uma instrumentalização do território, a partir da implantação de redes técnicas que cortavam a paisagem do cerrado, a empresa Sementes Maggi projetava uma rede de fixos e fluxos, interligando articulações sociais, políticas e econômicas cada vez mais complexas. Assim sendo, estamos assumindo uma relação dialética entre a rede da empresa e o espaço preexistente que a cerca e a envolve. Ao se aproveitar das redes técnicas constituídas, das relações políticas, das interações espaciais do circuito espacial do complexo agroindustrial da soja, a rede agro-urbana do Grupo André Maggi assume uma funcionalidade e uma natureza geográfica dialética. O ordenamento territorial em rede da corporação se inscrevia num espaço constituído que é impactado pela empresa, mas também impacta na rede de gestão, promovendo flexibilização dos fixos e fluxos.

A extensão da rede da empresa Sementes Maggi, em Mato Grosso se dá com a abertura da Fazenda SM1, no município de Itiquira, em 1979. A cidade de Rondonópolis era o ponto de apoio às transações mercantis, apesar de São Miguel do Iguaçú ser a sede da empresa. Assim sendo, a rede agro-urbana do grupo envolvia as interações promovidas pela comercialização de soja no Paraná e a apropriação de terras em Mato Grosso. Se no primeiro momento, a escala de atuação do grupo era regional, a partir da década de 1980, já anunciava interações espaciais em diversas escalas geográficas.

O ordenamento territorial em rede apresentava um sistema de ações e de objetos que se adaptava às dificuldades impostas pela baixa produtividade da soja no cerrado mato-grossense e dos obstáculos à obtenção de crédito rural junto aos bancos. Logo, a dinâmica de reprodução do capital do grupo se

aproveitou das condições climáticas para o plantio da soja no Sul e no Centro-Oeste do país. O deslocamento de maquinário das propriedades de São Miguel do Iguaçu para Itiquira era uma prática usual nesta primeira fase da empresa Sementes Maggi no cerrado.

De qualquer modo, a rede agro-urbana se estendia, visto que a busca de sementes melhoradas e adaptadas ao cerrado ampliava as interações da empresa com o município de Alto Araguaia (MT). A fim de viabilizar a produção, a empresa importava adubos do Paraná e do Rio Grande do Sul e calcário de Alto Garças (MT), Poxoréu (MT), Paranatinga (MT), Ponta Grossa (PR) e Castro (PR).

A rede agro-urbana envolvia uma logística de armazenamento da produção. Logo, foi construído, em 1983, o armazém da Fazenda SM3, em Itiquira. Além disso, foi construída uma pequena usina hidrelétrica, para atender a demanda da fazenda e de produtores locais.

A consolidação da soja no cerrado mato-grossense implicou na chegada de grupos multinacionais, tais como CARGILL, SANBRA e CEVAL. Assim sendo, a empresa Sementes Maggi decidiu transferir sua sede para Rondonópolis, em 1983, a fim de participar dos subsídios e incentivos fiscais promovidos pelas políticas territoriais do Estado.

A decisão de posicionar a sede em Rondonópolis implicou maior diversificação e descentralização administrativa do grupo. Para tanto, foi criada a Agropecuária Maggi S/A, Maggi Armazéns Gerais Ltda, em 1986, e a filial da Sementes Maggi Ltda, em Itiquira.

Esse caráter multilocalizado e multifuncional do sistema de objetos e ações do grupo constituía uma rede agro-urbana própria da empresa. A rede não era apenas resultado da estrutura espacial da empresa, mas significava ainda divisão territorial do trabalho. Cada empresa e sua localização, bem como as áreas de plantio de soja, tinha funções específicas dentro das estratégias de reprodução ampliada do capital.

De modo a definir posição de destaque na fronteira em movimento, André Maggi, ex-presidente da empresa, se articulou aos grandes produtores da região de Rondonópolis e arrendou uma fazenda no município. Terras, incorporação de objetos técnicos, participação no comércio de grãos, participação política e controle da mão-de-obra eram requisitos básicos à acumulação ampliada de capital da empresa.

A inserção da empresa no circuito mercantil da produção de soja foi um dos diferenciais em relação aos grandes grupos multinacionais. Isso porque a atuação da Sementes Maggi também se fazia no âmbito da produção agrícola. A decisão de produzir possibilitava relações mais estreitas com produtores. Logo, não tardou para que a empresa articulasse um grupo de produtores aos esquemas de financiamento à lavoura e da compra de insumos. A moeda de troca era a soja. Entretanto, a empresa precisava de recursos financeiros. Assim sendo, a Sementes Maggi captava empréstimos junto às indústrias localizadas no país e junto aos bancos estrangeiros voltados à exportação de soja. Nesse circuito mercantil da moeda verde, há a troca de parte da futura colheita por adubos, fertilizantes e arrendamento de máquinas e equipamentos. À medida que as dificuldades de obter acesso junto aos bancos oficiais ampliavam, abriam-se maiores possibilidades de subordinação da renda dos produtores através das relações mercantis.

Ao fazer o papel de banco, a Sementes Maggi estendia suas interações agro-urbanas em direção aos produtores e estreitava relações estratégicas com a CARGILL, SANBRA, REFINARIA DE OLÉOS

BRASIL. Se a semente era parte integrante das relações mercantis, num primeiro momento, o grupo possuía áreas próprias de produção de sementes em São Miguel do Iguaçu.

A fim de atender a demanda de sementes de soja de Mato Grosso, André Maggi abriu uma filial, em Goiás, na cidade de Cristalina, arrendando uma fazenda. Havia, ainda, outras filiais da Sementes Maggi nos municípios de Luziânia e Silvânia. Somente no final dos anos 80, a empresa Sementes Maggi começou a produzir sementes em Sapezal (MT). Isso porque a produção de sementes na Serra da Petrovina (MT), feita por grupos tais como Sementes Girassol e Sementes Adriana, tornou inviável a unidade de Goiás devido ao preço de frete e ao diferencial de impostos cobrados pelo governo goiano. Desse modo, André Maggi fechou a unidade de Cristalina, em 1996, e transferiu a produção de sementes para Sapezal. As outras filiais de Luziânia e Silvânia foram fechadas em 1989 e 1990, respectivamente.

Tais transformações na rede agro-urbana do grupo revelam as fragmentações territoriais e processos de reestruturação espacial a que está submetida à dinâmica da empresa. Expansões e regressões são ações inerentes à acumulação de capital de uma empresa multifuncional e multilocalizada. A dispersão geográfica da empresa implica também rearranjos, em face de processos sociais, políticos e dos condicionantes do quadro físico.

A partir da década de 1990, a expansão da produção de soja no cerrado ampliou a comercialização de grãos por parte das empresas multinacionais e da Sementes Maggi Ltda. O interesse pelo volume de grãos à disposição do grupo ratificava a extensão da rede agro-urbano da empresa.

No topo das parcerias estratégicas, estava o Grupo André & Cia Ltda, representado pela Refinaria de Óleo Brasil, com sede em São Paulo. Esse grupo inseriu a Sementes Maggi Ltda no circuito financeiro internacional através de relações com diversos bancos especializados na comercialização de grãos. Silva (2003, p.83) destaca vários bancos, tais como BNP (Banco Nacional de Paris), União de bancos Suíços (UBS), ING Barings (inglês), Societé Generali, Harbour Bank (holandês), Sumitomo (Japão) e o HSBC (inglês). A rede mercantil-financeira se estendeu em direção à Ásia e Europa, principais mercados para a soja brasileira.

Em escala nacional, há parcerias com os bancos HSBC, Bradesco e Banco do Brasil. No circuito mercantil da moeda verde, as empresas produtoras de insumos localizam-se em diversos lugares e países: Rotem (Israel), Norks Hydro (Noruega), Serrana (Ponta Grossa-PR), Solo Rico (Cubatão-SP), Fertisa (Cubatão e Paranaguá- PR), Heringer Fertilizantes (Paulínia-SP) e Mann (Uberaba-MG e Cubatão).

Ao estender sua rede mercantil-produtiva e financeira, a empresa Sementes Maggi se tornou um conglomerado, chamado André Maggi. A inserção num espaço global de circulação de capital e mercadorias implicou interações com empresas voltadas à exportação da soja no Brasil, tais como CARGILL, SAROC, CEVAL, SUMITOMO, CEREOL, GREENCOOP e André & Cia Ltda. Tais relações se davam através do escritório do Grupo André Maggi em São Paulo. Vale ressaltar o papel da Bolsa de Mercadorias & Futuro de São Paulo na comercialização dos grãos, via cotações on-line da Bolsa de Mercadorias de Chicago.

Se estamos sempre ressaltando o caráter de uma rede agro-urbana, as localizações pontuais, indicando cidades, eram acompanhadas pela captura de produtores aos esquemas de

comercialização da soja do grupo. Assim sendo, a subordinação da renda dos produtores de soja e milho envolvia a apropriação econômica de diversas áreas de produção agrícola, dispersas entre os Estados de Rondônia, Mato Grosso, Paraná e Mato Grosso do Sul.

A fim de instrumentalizar o território para fins de expansão da rede agro-urbana do Grupo André Maggi, os diretores lançaram mão de uma logística de transporte que resultou na abertura da hidrovia do Madeira e do estímulo à pavimentação de rodovias em direção a fronteira noroeste de Mato Grosso, viabilizando, portanto, a expansão da soja na Chapada dos Parecis. Tal esforço era parte integrante das estratégias de baixar o frete e evitar a subordinação aos portos de Santos e Paranaguá.

A rede de comercialização de grãos: os eixos de transporte

A constituição do corredor noroeste de exportação de grãos de soja e milho pelo Grupo André Maggi é revelador de uma síntese das redes agro-urbanas do conglomerado. A inserção de parcelas do cerrado da Chapada dos Parecis em outro circuito de escoamento da produção de grãos do país e importação de insumos tem a hidrovia Madeira como principal fixo de controle territorial.

A rede de comercialização da soja através da Hidrovia do Madeira envolve a produção de grãos da Chapada dos Parecis, sul de Rondônia e Amazônia (Lábrea e Humaitá). Em Mato Grosso, o município de Sapezal é um dos nós da rede do grupo. A partir de Sapezal, a produção regional sob o controle do grupo se dirige para Porto Velho (RO), onde de lá os grãos são embarcados e enviados, através da hidrovia, para o porto de Itacoatiara, no Amazonas. Em Itacoatiara, os navios são carregados e se dirigem aos mercados da Ásia e Europa.

A rede territorial da hidrovia encerra um sistema de ações e de objetos. Constituem os nós da rede as cidades de Sapezal, Porto Velho, Manaus e Itacoatiara, bem como Rondonópolis, sede do grupo. Em Porto Velho e Itacoatiara se situam os dois portos fluviais, escritórios centrais e filiais da Hermasa. Nessa rede, articulam-se os armazéns espalhados pela área de influência da hidrovia e de produção de grãos. A armadura da rede é garantida pelos fluxos de mercadorias através das rodovias, sobretudo a BR-364 e dos controles on-line das redes telemáticas.

A constituição da hidrovia do Madeira transformou o Grupo André Maggi numa *trading* do circuito nacional e internacional de comercialização de grãos de soja. A rede de fixos e fluxos via corredor multimodal rodovia BR-364-Hidrovia Madeira-Amazonas articula produtores que demandam financiamento para aquisição de insumos e mercado para sua produção. Os recursos captados junto ao Sumitomo, Cereol, Toefer, etc são destinados aos produtores. Em troca, os produtores repassam sua produção ao Grupo André Maggi que se encarrega de transportá-la ao porto fluvial de Porto Velho e de lá para diversos mercados da Ásia e Europa.

As rápidas transformações na fronteira agrícola brasileira e a abertura de lavouras em terras, para fins de expansão da comercialização de grãos com o mercado externo, exigem uma logística de transporte enquanto condição e reflexo das práticas do agronegócio sobre o cerrado. Assim sendo, a extensão da rede agro-urbana do Grupo André Maggi implica resolver o problema do frete enquanto instrumento de competitividade da soja no Centro-Oeste brasileiro. Além do frete, o armazenamento,

péssimas condições das rodovias, malha ferroviária deficiente e portos pouco operacionais impedem maior fluidez de parcelas do espaço envolvida com o projeto de expansão da fronteira agrícola.

O Programa Brasil em Ação (2000-3), integrado ao Plano Plurianual de Investimentos -PPA-, rebatizado como Programa Avança Brasil, focaliza seus objetivos numa complexa logística de redes técnicas (transporte, energia, comunicações), a fim de aumentar a velocidade dos fluxos materiais e imateriais inseridos na dinâmica do capital, sob a égide da globalização.

Os projetos de implantação de hidrovias e recuperação de ferrovias e rodovias trazem, no seu bojo, complexos processos de redefinição da rede agro-urbana dos grupos multinacionais voltados à comercialização de grãos, tais como CARGILL, BUNGE, ADM, André Maggi etc. A ação desses grupos implica transformações na divisão territorial do trabalho do país e, com efeito, no ordenamento territorial em rede que realizam em escala nacional. Nesse sentido, lugares e regiões adquirem novas funções ao se inserirem em complexos territoriais de produção em escalas nacional e internacional. Logo, emergem processos de desterritorializações, destruição da biodiversidade e controle político de territórios.

A abertura de novos eixos de transporte resulta numa inflexão dos fluxos de mercadorias, que até então se dirigiam para os portos da região Sul-Sudeste. Novos eixos de transporte são projetados em direção aos portos da Amazônia, de modo a reduzir o frete, visto que os mercados de grãos mais importantes são Europa e Ásia. A manifestação espacial concreta desse processo é expressa no papel estratégico da hidrovia Madeira-Amazonas, sob o controle do Grupo André Maggi.

Em face do discurso da incapacidade fiscal do Estado, a participação da iniciativa privada tem sido fundamental. Nesse sentido, as tradings saem na frente, buscando obter o controle de pontos estratégicos do corredor de exportação. A CARGILL e BUNGE abriram terminais nos portos de Santarém para se antecipar à pavimentação do trecho paraense da rodovia BR-163. O Grupo André Maggi não foge à regra geral. O grupo tem procurado aliar interesse político e econômico nas práticas de investimento em redes de transporte.

Os projetos de hidrovias e corredores multimodais de exportações previstos pelo Grupo André Maggi, que fazem parte do Programa Avança Brasil do Governo Federal, não só definem novas interações mercantis-produtivas-financeiras regionais e internacionais, mas também funcionam enquanto instrumento de antecipação espacial de futuros focos dinâmicos. Assim sendo, pressão e parcerias com os poderes públicos em escalas nacional e estadual são fundamentais, bem como parcerias com produtores locais. Antecipando-se à incorporação mercantil de novas áreas de produção à rede agro-urbana do grupo, manifestam-se pesquisas de variedade de soja em locais selecionados como Santarém, Humaitá, Boa Vista e Macapá, entre outros. Além disso, a abertura da hidrovia Madeira se refletiu na rede urbana do grupo. Itacoatiara, no Amazonas, a instalação de uma fábrica de óleo de soja pelo Grupo André Maggi tem redirecionado fluxo de mão-de-obra. A presença do porto e da fábrica, sob o controle da empresa, é mais uma das manifestações concretas do controle territorial de parcelas do território brasileiro sob a égide das corporações.

Mas esse controle é relativo. O porto e a fábrica são definidos por interações globais. A expansão e/ou recuo da rede agro-urbana do Grupo André Maggi são promovidas pelo controle da circulação

da mercadoria soja por atores transnacionais, tais como as tradings (Sumitomo, Bunge Y Born, Cargill etc).

O fato de ser uma corporação em rede, a consolidação dos projetos de novos eixos de transporte pode ratificar a dinâmica difusa e flexível do Grupo André Maggi em ampla porção do território brasileiro, evidenciando um nítido processo de corporatização do território.

A rede de armazéns na logística de reprodução de capital

Assim como a rede de transporte, a implantação de fixos estratégicos garante controle da renda da terra pelo grupo, bem como potencializa o circuito de comercialização de grãos. Se o Grupo André Maggi é um dos mais importantes atores na comercialização da soja brasileira, uma rede de armazéns é requisito básico à dinâmica de sua rede agro-urbana. A instalação de armazéns significa interações com as áreas de produção, agroindústrias, escritórios de filiais de corporações, portos fluviais e marítimos, bolsas de commodities etc. Logo, o armazém demanda uma rede de integração campo e cidade, articulando pontos e áreas, numa divisão territorial do trabalho inerente aos propósitos de acumulação de capital da corporação.

De um lado, os armazéns estão localizados nos municípios com expressiva produção de grãos. De outro, há uma associação direta entre área de produção, produtores, armazéns e eixos de transportes. Em termos de rede urbana, os fluxos de informações entre os armazéns e o escritório central do grupo em Rondonópolis, bem como a integração on-line com a Bolsa de Chicago instituem uma rede de interações espaciais que revela níveis geográficos de atuação da corporação.

No contexto da rede de gestão territorial, identificam-se escalas geográficas específicas em que os controles são realizados. As unidades operacionais de armazenamento são responsáveis pelas funções de articulação social do grupo em nível local, junto aos produtores. Além disso, os escritórios da Agropecuária Maggi Ltda coordenam as unidades de armazéns dispersas em diferentes lugares e regiões. A sede do grupo trata dos processos de comercialização da produção de grãos. De um modo geral, a sede estende sua gestão sobre diferentes lugares e regiões geográficas de acordo com o processo de difusão espacial da produção, do armazenamento, dos eixos de transporte, pesquisa e dos mecanismos de gestão interna da empresa.

A importância dos investimentos em capital fixo (rodovias, hidrovias, portos, armazéns, terra, indústrias) e capital constante (máquinas, sementes, fertilizantes, etc.) se reflete no uso da rede telemática como instrumento de competitividade do grupo e de gestão territorial. Velocidade, uso de intensa tecnologia, introdução de objetos técnicos científico-informacionais são requisitos à dinâmica de reprodução de capital do grupo. Desse modo, a pesquisa é um dos pressupostos à expansão da lavoura e, conseqüentemente, de inserção de áreas aos circuitos produtivo-mercantil-financeiros em escalas nacional e internacional. Para tanto, uma rede de parcerias constitui ponto de partida para as pesquisas agropecuárias. A manifestação concreta de tais ações se revela num fixo, a Fundação Mato Grosso.

A flexibilização das redes agro-urbanas do Grupo André Maggi

A criação da Fundação Mato Grosso amplia a rede de articulações estratégicas do Grupo André Maggi, mesmo porque um dos presidentes foi Blairo Maggi, atual governador do estado. A Fundação realiza parcerias com produtores, instituições financeiras, corretoras, empresas agrícolas, instituições não-governamentais, empresas produtoras de sementes, universidades, prefeituras, empresas de fertilizantes, grupos multinacionais, tais como Monsanto, Du Pont, Aventis, Basf, Dow Agrosiences, Sumitomo, dentre outros. Além disso, vale ressaltar parcerias com UNISOJA (comercialização de sementes) e APROSMAT (Associação dos Produtores de Sementes de Mato Grosso).

A expansão da rede agro-urbana do Grupo André Maggi exige pesquisa de sementes de soja, algodão, milho. A incorporação de saber científico demanda parcerias com tais grupos supracitados e redefinição da divisão do trabalho entre setor público e a iniciativa privada. Sem tal nível de parceria o grupo não viabilizaria a hidrovia do Madeira.

Em linhas gerais, a Fundação Mato Grosso viabiliza a expansão dos fluxos do Grupo André Maggi, garantindo maior fluidez entre os diversos segmentos da empresa. Os lugares da empresa são atravessados por verticalidades e horizontalidades hegemônicas associadas ao agronegócio em escalas nacional e internacional.

Se nós seguirmos essa linha de raciocínio, faz-se importante ressaltar a flexibilização da rede agro-urbana do Grupo André Maggi. A expansão da corporação em direção a diversos lugares do cerrado se refletiu no arranjo espacial de sua rede. A inserção de lugares e regiões na divisão internacional do trabalho, via produção e comercialização de grãos, implicou flexibilização e rearranjos da organização espacial da corporação. A seletividade espacial de certos lugares, a fragmentação da estrutura espacial da corporação em níveis administrativos, a antecipação espacial para fins de posicionamento estratégico em lugares dotados de vantagens locais são práticas socioespaciais inerentes à dinâmica de reprodução de capital do grupo.

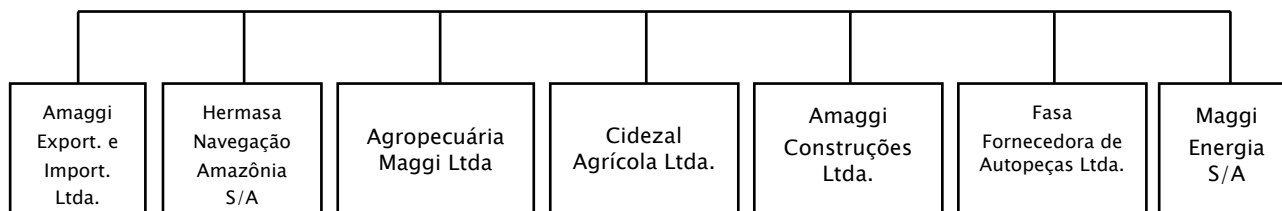
A diversificação das atividades do Grupo pode ser observada com a abertura de diversas empresas, tais como: Agropecuária Maggi Ltda (1983), Maggi Armazéns Gerais Ltda, Amaggi Construções Ltda (1988) e Fasa Fornecedor de Autopeças Ltda (1996), Amaggi Construção de Rodovias Ltda (1992), sediada em Rondonópolis, Amaggi Amidos Ltda (1992), localizada em São Miguel do Iguaçu, Cidezal Agrícola Ltda (1989), Hermaggi Agroindústria Ltda (1992) e Hermasa Navegação da Amazônia S/A (1993), sediados em Manaus (AM) e, por fim, Maggi Energia S/A, criada em 2001, e com sede em Rondonópolis (MT).

Além disso, várias filiais das empresas Sementes Maggi, Agropecuária Maggi Ltda, Maggi Armazéns Gerais Ltda foram abertas em diversos municípios de Mato Grosso, Rondônia e Amazonas, acompanhando o avanço da fronteira agrícola.

Em paralelo a abertura de novas empresas, o Grupo André Maggi também desativou uma série delas, tais como Amaggi Amidos Ltda e diversas unidades de produção de sementes localizadas em Goiás.

Toda essa expansão e retração da rede agro-urbana fazem parte da flexibilização do Grupo. O organograma 1 expressa a atual estrutura do Grupo André Maggi, com a Amaggi Importação e Exportação Ltda sendo a empresa líder do conglomerado, possuindo filiais no Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia, Amazonas e Roraima.

Organograma do Grupo André Maggi



Cabe ressaltar o investimento da empresa na área de informática desde 1984, o que permitiu ao Grupo maior e mais eficiente articulação entre seus fixos, dinamizando suas ações e dando fluidez a toda a rede.

Enfim, a incorporação de novas tecnologias, a implantação de bases logísticas de transporte e a comercialização de grãos, a associação com entidades de pesquisa e a constituição de redes políticas com atuação marcante de Blairo Maggi permitiram que o Grupo André Maggi alcançasse seus objetivos de reprodução ampliada de seu capital com sucesso.

A natureza geográfica da rede agro-urbana do Grupo André Maggi

Ao analisar o Grupo André Maggi, verificamos a existência de três tipos de *interações* espaciais que promovem as redes da corporação: a distribuição, a produção e a gestão. A constituição dessas redes se apresenta superposta e indica uma unidade complexa.

A rede de distribuição do Grupo André Maggi se revela na hierarquia dos centros urbanos inerentes às diferentes formas de penetração da corporação nos circuitos produtivo, mercantil e financeiro em escalas geográficas regional, nacional e internacional. Rondonópolis é a sede nacional do grupo, mas se articula à metrópole nacional, São Paulo, em face da localização da Bolsa de Mercadorias & Futuro e dos escritórios regionais de transações financeiras.

Em escala planetária, destacam-se as praças de Chicago (Bolsa de Commodities), Londres, Paris, Tóquio, etc., que respondem por repasses de recursos financeiros à corporação. Em escala regional, revelam-se as sedes municipais. Nesses locais, o grupo assegura não só uma presença econômica, com a instalação de indústrias, escritórios, armazéns etc., mas também uma liderança política junto ao poder público.

A rede de produção é verificada no arranjo de objetos técnicos inerentes ao processo produtivo, tais como usinas hidrelétricas, armazéns, lavoura, indústrias etc. Destacam-se ainda as redes de transporte, energia e telecomunicações que respondem pela circulação de mão-de-obra, mercadorias e informais. Tal rede é depositária de uma divisão territorial do trabalho, pois articula áreas de produção, armazenamento, beneficiamento, distribuição e comercialização. Tais articulações em pontos e áreas revelam interações espaciais próprias da organização espacial da corporação, bem como de fluxos com outras corporações e poderes públicos. A análise da dimensão econômica da corporação reforça a necessidade de visualizar relações sociais entre grupos sociais entre si, numa complexa rede de parcerias estratégicas, do ponto de vista econômico e político.

Os lugares, i.e., pontos da rede de produção, tais como Sapezal, Rondonópolis, Itacoatiara, Primavera do Leste, etc., são atravessados por horizontalidades e verticalidades. A relação espaço e técnica da agricultura praticada pelo Grupo André Maggi implica introdução da ciência, tecnologia e da informação nos processos produtivos. Tal dinâmica se difunde em manchas pelo cerrado, apesar de também se apresentar pontual ao longo do território brasileiro. As verticalidades que atravessam tais lugares são vetores de um processo civilizatório cuja racionalidade demanda uma subordinação e inserção nos circuitos produtivo, mercantil e financeiro, em escala internacional.

A rede de produção revela interações estratégicas entre os produtores, sob subordinação do grupo, e concorrentes, tais como CARGILL, BUNGE Y BORN e ADM. Destacam-se ainda fornecedores, distribuidores, poder público, agroindústrias, etc. Desse modo, a rede corporativa agro-urbana do Grupo André Maggi é uma das expressões de um ordenamento territorial em rede próprio da corporação.

O terceiro tipo de rede é o da gestão territorial. Assim sendo, se pensarmos no Grupo André Maggi, a gestão é realizada através de alguns nós de sua rede agro-urbana. Rondonópolis é a sede e o nó central dotado de uma tecnoestrutura capaz de inserir a corporação dos circuitos nacional e internacional de circulação de capital e mercadorias. Sapezal, Cuiabá, Primavera do Leste, São Paulo, Itacoatiara, Porto Velho, Manaus, Paranaguá, Santos, Campos Novos dos Parecis etc. são centros regionais de interações espaciais em níveis de controle de produtores, comercialização, distribuição e beneficiamento da produção agrícola.

A rede de gestão do Grupo André Maggi se confunde com um saber fundamentado nos avanços técnico-científico e na racionalidade da legitimidade do poder da corporação em diversas instâncias do poder público e na legitimidade da ideologia da modernidade. Logo, a rede de gestão não é apenas técnica, mas, sobretudo política, visto que está dirigida mais ao controle social do território.

A rede de gestão funciona como recurso prático para assegurar determinadas relações de poder, abarcando operações de largo espectro. De qualquer modo, a rede de gestão territorial do Grupo André Maggi é dotada de uma capacidade de adaptar-se à velocidade das transformações do arranjo espacial do grupo, em face das rápidas mudanças no aparato técnico-científico, conjuntura política e requisitos impostos pela concorrência internacional.

Em suma, a rede de gestão do Grupo André Maggi revela uma flexibilidade dos objetos e ações do ordenamento territorial da corporação expressa na abertura às inovações e às fragmentações territoriais promovidas, a fim de articular novos lugares e marginalizar outros.

Tal flexibilidade segue três orientações de expansão socioespacial do capital: 1) polarização em torno de atividades principais, tais como produção e comercialização de grãos; 2) reconversão para outras atividades, agroindústria e logística de transporte e energia; 3) e, por último, conglomeração, cuja ênfase recai, basicamente, na diversificação para novas e distintas atividades, conformando um quadro de dispersão das atividades desenvolvidas. Na conglomeração do grupo, destacam-se a abertura da CIDEZAL AGRICOLA LTDA, FASA Fornecedora de Autopeças Ltda, Amaggi Construção de Rodovias Ltda, Amaggi Amidos Ltda, Hermosa Navegação da Amazônia, Maggi Energia S/A. Vale lembrar que tais orientações ocorrem, em vários casos, ao mesmo tempo, isto é, a reconversão pode ser também parte de uma estratégia de conglomeração.

Em linhas gerais, a flexibilidade a que o Grupo está submetido resulta de uma capacidade de controlar e processar informações provenientes de diversas escalas geográficas e de diversos grupos sociais. Nesse sentido, a flexibilidade dos arranjos espaciais do grupo requer uma natureza organizacional dos arranjos institucionais político e econômicos.

Não concluindo

A geografia em rede do Grupo André Maggi visa a superar a dicotomia entre as unidades fixas e seu ambiente, uma vez que o objeto de estudo, até aqui desenvolvido, procurou sinalizar tanto a estrutura espacial da empresa quanto as interações entre empresas que dão conformidade à sua escala espacial de atuação. Logo, a rede agro-urbana da corporação contempla o movimento e as transformações por que passa a empresa em face das articulações com os demais agentes que a circundam. Enfim, o Grupo André Maggi não é um ator independente, mas imbricado com as transformações no cerrado brasileiro e na forma de inserção de parcelas do território brasileiro na divisão internacional do trabalho sob o signo da globalização dos dias atuais.

Entretanto, a dimensão econômica é inseparável da política. Logo, a constituição de alianças políticas é um dos requisitos básicos à reprodução ampliada do capital através da implantação e gestão de um espaço agrário altamente tecnificado e articulado aos circuitos mercantis-financeiros em escalas nacional e global. Nesse contexto, o Grupo André Maggi é um dos principais articuladores de uma rede de poder político e econômico do complexo agroindustrial de soja do Brasil na fronteira mato-grossense.

Articulações políticas com os governos federal e estadual na construção de fixos, tais como portos, hidrovias, estradas, centros de pesquisa, financiamentos fazem parte dessa grande teia de interesses estratégicos, consubstanciada na malha de duplo controle, técnico e político do território sob sua influência. O resultado de várias práticas políticas, tais como a expansão de partidos políticos (PPS), liderança sobre prefeituras e, finalmente, a vitória de Blairo Maggi na eleição para governador de Mato Grosso, em 2002, são expressões de poder características das práticas de ordenamento territorial do Grupo André Maggi.

Bibliografia

Freire, Mauricio Viana. As redes agro-urbanas do Grupo André Maggi. Dissertação de Mestrado em Geografia. Niterói:UFF, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2004.

Silva, Carlos Alberto Franco da. Grupo André Maggi: corporação e rede em áreas de fronteira. Cuiabá: Entrelinhas, 2003.